

## VOZES DE ALUNOS E ALUNAS ACERCA DE IDENTIDADES SOCIAIS DE GÊNERO NA ESCOLA: IMPRESSÕES SOBRE MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA INGLESA

Susana Aparecida Ferreira<sup>1</sup>  
Aparecida de Jesus Ferreira<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho intenta refletir a respeito das impressões de adolescentes de dois 9º anos, em duas escolas públicas da cidade de Cascavel no Paraná, a respeito das identidades sociais de gênero nos materiais didáticos de língua inglesa. Estas reflexões fazem parte de uma pesquisa de campo que teve uma maior abrangência. Desta maneira, as reflexões se concentraram em algumas falas de alunos e alunas. Para que fosse possível refletir a respeito das identidades sociais desses alunos e alunas nos valem de referenciais teóricos que versam a respeito de identidades sociais, identidades de gênero, formação de professores: Moita Lopes (2002), Auad (2003), Norton (2004), Woodward (2004), Norton e Pavlenko (2004), Ferreira (2006), Louro (2008), Ferreira e Ferreira (2011), dentre outros. No que se refere à metodologia, nos valem de uma pesquisa de campo qualitativa de cunho etnográfico, foram feitas entrevistas e utilizados questionários com os alunos e as alunas para entender as percepções dos mesmos sobre o material didático que utilizavam naquele momento, lembrando que no momento desta pesquisa o MEC (Ministério da Educação) ainda não distribuía os livros didáticos de língua inglesa, então os materiais eram compilados pelos professores das disciplinas. Os resultados demonstraram que as percepções destes adolescentes perpassam o material didático e inicia também discussões sobre gênero na vida destes alunos e alunas, nos contextos sociais aos quais se inserem cotidianamente. As percepções que envolvem estas questões muitas vezes parecem naturalizadas por eles, por isso nem sempre perceptíveis pelos mesmos. As reflexões aqui realizadas possibilitaram entender a relação entre materiais de ensino e relações de gênero no ambiente escolar transcendem esse ambiente e são levadas para a vida em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Percepções de alunos e alunas; Material didático.

### STUDENT'S VOICES ABOUT SOCIAL AND GENDER AT SCHOOL: IMPRESSIONS ABOUT DIDATIC MATERIALS OF ENGLISH LANGUAGE

**ABSTRACT:** This work intends to reflect on the impressions of two teenagers of 9º years in two public schools in City of Cascavel, Paraná State, about social gender identities English language teaching materials. These reflections are part of a field survey had a larger scope. Thus, the reflections have focused on a few lines of students. To make it possible to reflect on the social identities of this boys and girls we rely on references that talk about social identities, gender identities, teachers training: Moita Lopes (2002), Auad (2003), Norton (2004), Woodward (2004), Norton and Pavlenko (2004), Ferreira (2006), Louro (2008), Ferreira and Ferreira (2011), among others.. Regarding to methodology, we followed a

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Doutorado em Letras – Programa de Pós Graduação em Letras -Unioeste – Cascavel - PR.

<sup>2</sup> Doutora em Educação de Professores pela *University of London* (Inglaterra). Professora Adjunta na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

qualitative field research of ethnographic interviews were made and used questionnaires to students and students to understand the perceptions of the same on the didactic material used at the moment remembering that at the time this research the MEC (Ministry of Education) has not distributed the textbooks of English, then the materials were compiled by professors of disciplines.. The results showed that perceptions of adolescents go through the learning material and also initiates discussions on gender in the lives of these students and students in the social contexts to which they operate daily. Perceptions surrounding these issues often seem naturalized by them, this is not always notice able naturalized by them. These reflections made it possible to understand the relationship between teaching materials and gender relations in the school environment and transcend this environment are brought to life in society.

**KEYWORDS:** Gender; Perceptions of pupils; Teaching material.

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior que versa sobre identidades sociais de raça/etnia e gênero, mas neste trabalho especialmente, intentamos ampliar algumas discussões sobre as identidades sociais de gênero e suas percepções nos materiais didáticos utilizados por duas turmas de 9º ano do ensino fundamental. Iniciamos com a reflexão sobre identidades sociais.

O processo construtivo das identidades sociais pode acontecer em todos os contextos e em todas as instituições sociais e, particularmente, no contexto escolar, o qual é o foco deste trabalho, que intenta refletir acerca dos estudos sobre as impressões que alunos e alunas têm a respeito dos materiais didáticos que utilizam no que tange a questão do gênero, a fim de contribuir para uma possível minimização da exclusão de alunos e alunas pertencentes a possíveis rotulações de gênero na sociedade ou nas salas de aula, por meio de reflexões sobre esses conceitos. Esta reflexão foi realizada a partir de entrevistas com estudantes de duas escolas públicas da cidade de Cascavel no estado do Paraná.

Primeiramente refletimos sobre a construção das identidades sociais, posteriormente identidades sociais de gênero, gênero e as relações com materiais didáticos, após trazemos a metodologia utilizada, em seguida análise dos dados e as considerações finais.

## 2. IDENTIDADES SOCIAIS EM (RE) CONSTRUÇÃO

Para refletir a respeito das identidades sociais e suas representações, recorreremos a autores contemporâneos que versam sobre este tema: Gomes (1996), Hall (2002), Silva (2002; 2004), Woodward (2004), bem como Block (2007).

A identidade é reconhecida através da diferença, da alteridade e nas inúmeras possibilidades de interação. Para Hall (2002), a identidade é algo construído e transformado ao longo do tempo por processos inconscientes de socialização. Não é, portanto, algo inato, fixo, estável, mas em constante produção, um ato performativo. Segundo esse teórico, “[...] se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’” (HALL, 2002, p. 13). Para Gomes (1996) A identidade é definida pelos comportamentos, pelas atitudes e pelos costumes de um indivíduo, modificando-se com a convivência entre sujeitos, tendo o outro como referência, criando visões de si e de mundo, da representação de si e do outro. Hall (2002) pontua que ela permanece incompleta, está sempre sendo formada, numa interação entre o eu e a sociedade e modificada num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem. Desse modo, o indivíduo busca, na relação com o grupo, uma forma de posicionamento pessoal, de identificação, valendo-se do reconhecimento ou não de seu grupo social ou racial dentro de seu grupo para se sentir aceitável, construindo ou reconstruindo sua identidade social, sua identificação ou não com outrem, já que “[...] as mesmas pessoas são inscritas em práticas discursivas diferentes por meio de identidades sociais diferentes e contraditórias” (MOITA LOPES, 2002, p. 36). Essas relações são cotidianas e estão presentes em todas as instituições sociais e, de acordo com Silva (2002), essas representações que são observadas no cotidiano constituem o senso comum de identidades sociais, senso esse elaborado a partir de imagens, de crenças, de mitos e de ideologias<sup>3</sup>.

Vale pontuar, neste momento, o conceito adotado nesta pesquisa para estereótipo, que é o mesmo tomado por Silva (2003), a qual entende ser o estereótipo uma visão simplificada de uma pessoa (ou de um grupo), visão sobre a qual se constrói uma ideia negativa. Como exemplo podemos citar as diferenças trazidas culturalmente e socialmente

---

<sup>3</sup>Segundo Fiorin (2001, p. 28), ideologia é um conjunto de ideias, representações que servem para justificar e explicar a ordem social, as condições de vida do homem e as relações que mantêm com os outros homens.

para as identidades sociais de gênero, rotulando meninos como “bagunceiros” e as meninas como “organizadas” no contexto escolar.

Ressaltamos, ainda em Silva (2004), que a identidade parece ser uma positividade, isto é, marcada pela autonomia, como, por exemplo, ao afirmar que “sou branco” e “sou homossexual”, tem-se uma referência autossuficiente em si própria. Ao mesmo tempo, porém, a identidade faz-se por negações, ou seja, ela depende de algo fora dela para autoafirmar-se, como ao dizer que “sou brasileira” se estará negando a identidade de “ser japonesa”. Verifica-se, então, que a identidade é marcada pela diferença e pela exclusão, posto que, ao ser menino, o sujeito não pode ser menina e, assim, o indivíduo se reconhece e reconhece o outro. Gomes (2005) assevera que as diferenças são muito mais do que simples dados da natureza, são construções sociais, culturais e políticas. Isso é assim porque, desde crianças, aprendemos a observar o que é diferente, na maioria das vezes de maneira a desvalorizar o que é considerado fora dos padrões sociais, educacionais, culturais, etc., que consideramos “certos”.

Nessa perspectiva, Woodward (2004) observa-se que a identidade envolve relações de poder em que o gênero e outras categorizações (raça/etnia, etc.) devido a questões históricas, organizam e dividem hierarquicamente a sociedade entre nós e eles. Ao compartilhar dessa opinião, Silva assevera que a identidade é, sim, decorrente da relação social, sujeita a vetores de força, porque esses vetores não são simplesmente definidos, mas impostos numa disputa de superioridade e de inferioridade, uma vez que afirmar a identidade traduz o desejo dos diferentes grupos de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais, já que eles estão em estrita conexão com relações de poder, o que implica operações de incluir e excluir. Esse processo de classificação é central na vida social, pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em classes a fim de hierarquizar.

Assim sendo, “a mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas” (SILVA, 2004, p. 82), nas quais sempre haverá uma que será marginalizada pelo desprestígio construído histórica ou socialmente em relação à outra. Logo, a identidade tida como normal é desejável, única e se contrapõe a um modelo que reflete o inaceitável, o feio, portanto, desprezado.

Nenhuma dessas “identidades”, em nenhum sentido que fosse abordada (social, histórica ou epistemologicamente), forneceria a mesma homogeneidade de antes e, assim, seria necessário estarmos atentos a diferenças, a contradições, a segmentações e a fragmentações, exatamente porque essas identidades não produziram mais a estabilidade e a

totalidade no mundo contemporâneo. Nesse sentido, precisamos, enquanto professores, trabalhar com a heterogeneidade e tentar repassar isso aos alunos e alunas. Com respeito às “diferenças”, podemos citar alguns pesquisadores atuais que falam sobre o tema das identidades sociais, identidades sociais de gênero e formação de professores, como Moita Lopes (2002), Auad (2006), Hall (2006), Norton (1997; 2006), Ferreira (2006; 2009), Jordão (2008), Louro (2008), Tarini (2009), entre outros.

Outro pesquisador que aborda o tema identidade no contexto de ensino de segunda língua é Block (2007), que traz a subjetividade como formada de diversas maneiras, por meio do convívio social, tanto nas semelhanças, quanto nas diferenças. Block (2007) ainda pontua que o subjetivismo é visto como produto das condições sociais das quais se participa (igreja, escola, família, etc.). Para esse autor os indivíduos são “rotulados” por sua classe social, por sua ocupação, pelo comportamento, pelo modo de falar, além de outros fatores sociais, que revelam a classe social à qual o indivíduo pertence.

Levando em consideração as questões mencionadas acima, acreditamos ser de suma importância que o professor reconheça sua sala como um espaço discursivo, espaço no qual as identidades sociais são construídas, reconstruídas ou transformadas nos discursos e através deles: “Dentro das salas de aula, é necessário questionar a prática do discurso que silencia as vozes dos alunos/as. Se os professores das salas de aula são construídos através do discurso, eles podem ser desconstruídos através da linguagem” (FERREIRA, 2006, p. 49).

Desta forma, o professor precisaria compreender o conjunto de fatores que influencia na formação ou no reconhecimento identitário do aluno/a seja por meio do material didático, seja por meio da voz do educador, do colega ou mesmo do tratamento dado à questão em discussões em sala de aula. Faz-se importante pensar na elaboração das suas práticas e dos seus discursos e assim seja então possível nos “[...] engajar com a diferença, com os discursos que a constituem e com o poder que a atravessa [...]” (MOITA LOPES, 2003, p. 34).

Acreditamos que as discussões sobre a formação das identidades sociais dos alunos/as podem fazer com que eles se reconheçam enquanto parte desse processo identitário, dessa negociação das identidades sociais, portanto, podem ser muito úteis, pois se pode dizer que o ensino da língua pela língua é apenas uma forma de decorar a gramática do livro didático ou do material didático e não será capaz de fazer com que o aluno/a reflita sobre a sua realidade e a realidade da cultura que está sendo ensinada e, assim, reconhecer a funcionalidade da língua, bem como as identidades sociais que estão em jogo no aprendizado em uma sala de aula.

Creemos que essa discussão também se torna relevante por ser capaz de estender o conhecimento de mundo e da cultura que está sendo ensinada, da identidade que está em jogo nos discursos, fazendo que os alunos e alunas se reconheçam, por exemplo, como quem entende o seu papel tanto na escola quanto na sociedade na qual atua, e também o eles se percebem a respeito de quais são os seus papéis na construção e na manutenção ou na transformação das identidades sociais. E, dentro dessas identidades sociais, tenho o foco de pesquisa nas identidades de gênero e as relações com os materiais de ensino, como já citado. Para dar continuidade, passo ao tópico que versa sobre as identidades sociais de gênero.

### 3. IDENTIDADES SOCIAIS DE GÊNERO

Neste trabalho pretendemos, além de refletir sobre gênero no material didático, como já explicitado, refletir se o gênero nesse mesmo material também é fruto de rotulações e de estereótipos, uma maneira de discriminação que normalmente é tida como natural, pois tem-se como absoluto e inquestionável o binômio masculino/feminino. Felipe (2006), a respeito de gêneros nas construções discursivas, pontua que “[...] as desigualdades e os sistemas que geram desigualdades podem ser transformados” (FELIPE, 2006, p. 57). Ao falar da modernidade, a autora coloca que ocorreram e ocorrem crises de identidades sociais, problemas sociais que não devem ser vistos como separados da vida social. Com noção de modernidade relaciona o feminismo, alegando que, “[...] ao chamar atenção para o caráter construído do gênero, a teoria feminista questiona as oposições binárias que são responsáveis pela fixação das identidades” (FELIPE, 2006, p. 57).

Gênero, para Felipe (2006, p. 58), é “[...] um construto analítico que diz respeito à organização social dos sexos”. Para que se entenda esse conceito, primeiro é necessário perceber a diferença entre sexo e gênero: sexo refere-se às características biológicas de homens e mulheres, gênero se refere às construções sociais e culturais que se desenvolvem a partir desses elementos biológicos. O gênero relacionado às práticas políticas está relacionado a situações, como mercado de trabalho sexualmente delimitado e à educação de forma diferenciada.

O conceito de gênero também é apresentado por Louro (2008), em seu trabalho sobre gênero e sexualidade, para quem gêneros são constituídos por meio das aprendizagens e de práticas nos contextos socioculturais nos quais o sujeito está inserido. Desse modo, a “[...]”

construção de gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infundavelmente” (LOURO, 2008, p. 18). Louro (2008) ainda traz que a construção da identidade de gênero perpassa todas as instâncias sociais e a modernidade tem papel importante na construção e na manutenção das mesmas instâncias, através da mídia e das tecnologias. Ainda que existam maneiras culturalmente definidas e já instituídas para a conceitualização do gênero binário homem/mulher, o modo de compreendê-lo multiplicou-se, desestabilizando certezas até então incontestáveis. Dessa maneira,

[...] vem se afirmando uma nova política cultural, a política de identidades. Muito especialmente a partir dos anos 1960, jovens, estudantes, negros, as chamadas “minorias” sexuais e étnicas, passaram a falar mais alto, denunciando sua inconformidade e seu desencanto, questionando teorias e conceitos, derrubando fórmulas, criando novas linguagens e construindo novas práticas sociais (LOURO, 2008, p. 20).

A partir dessa conceitualização do processo de construção das identidades trazida por Louro (2008), trazemos as reflexões de Mata (2006), que investiga o papel da infância na narrativa contemporânea, o que vem a contribuir para a construção das identidades desde criança. Para tanto, Mata seleciona alguns livros publicados de 1990 a 2004 e analisa as narrativas contidas neles, focando a infância na periferia, infância e sexualidade e, também, a posição das crianças nas narrativas, “[...] não só enquanto grupo social silenciado, mas também como representação de uma idéia de nação que, jovem, isto é, ainda em formação, tem nos meninos e meninas mudos das narrativas a imagem de sua promessa não cumprida de progresso” (MATA, 2006, p. 5). Referindo-se a esses meninos e meninas, esse autor ressalta que:

Não se pode esquecer que as crianças, personagens de cada um dos romances, não têm como referentes apenas uma idéia abstrata de infância e suas relações com um processo sócio-histórico nacional. Há também, por detrás dessas crianças ficcionais, um grupo social, que, como foi visto, sofre um histórico silenciamento que a narrativa contemporânea discute, tendo em perspectiva as expectativas depositadas em meninos e meninas (MATA, 2006, p. 110).

A partir desses resultados de pesquisa de Mata (2006), é possível pensar o grupo social no qual a criança está inserida e como ele reflete a identidade social construída na escola, através do livro didático, do material didático, da interação com o colega e mesmo com o professor. Auad (2003), por sua vez, fala sobre cidadania e inicia seu trabalho refletindo sobre democracia e direitos humanos, pontuando que, para aproximar essas

discussões dos cidadãos, é necessário debater sobre os direitos humanos, educação e gênero. O objetivo do trabalho de Auad é “[...] tecer, ainda que inicialmente, relações entre a educação em direitos humanos e a categoria de gênero” (AUAD, 2003, p. 137).

A cidadania aparece, neste trabalho, como uma necessidade para a precisão de conceitos, pois como Auad (2003) coloca, ela tende a reforçar a polaridade entre os gêneros e desvaloriza o feminino, que se torna cerceado pelos papéis tradicionais, porque, ao igualar homens e mulheres, a cidadania os valoriza por suas “diferenças”, refere-se à cidadania democrática, que percebe a distinção masculino/feminino sem enaltecer as diferenças.

#### 4. GÊNERO E AS RELAÇÕES COM MATERIAIS DIDÁTICOS

A reflexão crítica sobre as identidades sociais pode render muitas discussões de maneira que iremos nos deter neste trabalho apenas nas identidades sociais de gênero, olhar os alunos e alunas no seu processo de interação com o seu material didático e tentar perceber se esta interação ocorre de fato ou se na verdade a identificação com o mesmo inexistiu devido à possível falta de reflexão sobre gênero nos materiais utilizados por eles.

Nogueira, Felipe e Teruya (2008) refletem sobre gênero (a esta reflexão agregam também raça/etnia) como diversidade cultural na educação escolar. Iniciam seu trabalho falando sobre a representação da alteridade e a maneira como estabelecemos o conceito do que é ser, o que somos e do que o outro é. O trabalho com o tema gênero em sala de aula, para esses autores, deveria:

Começar pelo entendimento de como esse conceito gênero ganhou contornos políticos. O conceito gênero nasceu entre as estudiosas feministas para se contrapor à idéia da essência, recusando qualquer explicação pautada no determinismo biológico, que pudessem explicitar comportamento de homens e mulheres, empreendendo, dessa forma, uma visão naturalista, universal e imutável do comportamento. Tal determinismo serviu para justificar as desigualdades entre ambos, a partir de suas diferenças físicas (NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008, p. 3).

Esses autores fundamentam suas discussões com as pesquisas de Louro (1997) e de Braga (2007) ( NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008, p. 3) e compreendem que é através da ação pedagógica que podemos mostrar aos alunos/as um trabalho significativo sobre a diversidade cultural. O primeiro passo seria “[...] defender uma educação questionadora dos

conceitos essencialistas<sup>4</sup> e tratá-los como categorias socialmente constituídas no decorrer dos discursos históricos” (NOGUEIRA, FELIPE, TERUYA, 2008, p. 6).

Oliveira (2009) discute as práticas de leitura no que tange à questão raça e gênero com base na abordagem da análise crítica do discurso (ADC) e percebe, através de sua pesquisa, a presença de estereótipos de raça e de gênero nas atividades de leitura e pontua o quanto importante é o papel do professor na desconstrução de tais conceitos. No tópico seguinte, apresentaremos o caminho metodológico deste trabalho.

## 5. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O objetivo da pesquisa de campo foi entender como se deram as percepções das identidades sociais dos alunos e alunas 9º. Ano do ensino fundamental, especificamente a representação das identidades sociais de gênero (para esta pesquisa foi utilizado o material didático de língua inglesa), bem como a forma como os mesmos se reconhecem ou aceitam essas identidades. Por meio de uma pesquisa qualitativa tratou-se de reconhecer essas questões, que podem fazer a diferença na apreensão e na valorização do conteúdo sobre a língua estrangeira, no que tange à identificação dos alunos e alunas com o objeto de estudo – o material que utilizavam em sala de aula.

A pesquisa qualitativa vem se firmando na área das ciências sociais, bem como, na área da psicologia. Os métodos qualitativos não são considerados independentes do processo da pesquisa, pois são compreendidos através dele. As novas situações decorrentes de uma mudança social acelerada e diversificada fazem com que pesquisadores cada vez mais se defrontem com novos contextos sociais: “[...] conseqüentemente, a pesquisa, é, cada vez mais, obrigada a utilizar estratégias indutivas: em vez de partir de teorias para testá-las, são necessários ‘conceitos sensibilizantes’ para a abordagem de contextos sociais a serem estudados” (FLICK, 2004, p. 17-18).

Para este trabalho foram utilizados questionários e entrevistas. Os questionários tiveram caráter classificatório, pois a pesquisa se deu por amostragem. Vale ressaltar que no ato das entrevistas com os estudantes, primeiramente foram apresentados recortes de figuras durante o período em que o aluno ou a aluna estava sendo entrevistado (a). Esses recortes

---

4 Como essencialista, Woodward (2004) atribui um conceito de unidade, imutável e fixa.

traziam representações de diferentes identidades sociais. Pelo fato de os alunos e alunas não possuírem livro didático (os materiais didáticos utilizados pelos alunos e alunas eram compilações de materiais didáticos organizados pelos professores) as figuras pareceram ter facilitado a eles o processo de entendimento sobre essas representações identitárias, bem como puderam se tornar uma referência visual dos materiais que eles utilizam para suas aulas de Língua Inglesa nos anos anteriores. Vale ressaltar que como essa pesquisa foi feita em 2010, as escolas ainda não tinham livros didáticos de língua inglesa, iniciou em 2011 a utilização dos mesmos através do PNLD – Programa Nacional do Livro Didático. Foi criada uma legenda numérica para que os alunos e as alunas pudessem visualizar as figuras originais (retiradas de jornais e revistas). Durante o preenchimento do questionário iniciou-se uma conversa sobre as identidades sociais que ali se encontravam representadas.

Os colaboradores e colaboradoras da pesquisa tinham entre 12 e 17 anos, estudavam no 9º ano, (8ª. Série). A pesquisa ocorreu em duas escolas (escola amarela e escola azul). Os alunos/as moravam em sua maioria em bairros próximos ou no mesmo bairro onde se encontram as referidas escolas, compartilhavam de um contexto social semelhante, estudaram sempre em escola pública. Para facilitar o trabalho as turmas escolhidas foram acompanhadas desde o ano de 2009 pela mesma professora, fato que possibilitou refletir sobre as percepções construídas desde o ano de 2009 até o ano de 2010. Com os alunos/as devidamente apresentados, passamos para a análise e discussão dos dados.

## 6. IMPRESSÕES SOBRE GÊNERO NAS VOZES DOS ALUNOS E ALUNAS

Nesta seção discutiremos sobre as impressões sobre o tema gênero nas vozes dos alunos e alunas. Percebemos que os estudantes tiveram uma significativa dificuldade para perceber os gêneros no material de ensino e, mais ainda, dificuldade de perceber se havia diferença entre eles. Para tentar refletir sobre tais afirmações apresentaremos a seguir a análise dos excertos que virão em temas, os temas que se apresentam a seguir foram gerados a partir das interações com os mesmos.

O conceito de gênero é definido “[...] historicamente e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente” (HALL, 2006, p. 13). O homem ou a mulher não nascem com papéis definidos simplesmente por serem deste ou daquele sexo, mas a sociedade lhes atribui

as funções “ditas corretas” para homens e para mulheres. O estudo sobre gêneros vem crescendo e trazendo novas teorias para que seja possível captar as diferenças entre homens e mulheres. Neste sentido Auad (2006) reflete sobre a pretensa supremacia masculina e a pretensa submissão feminina, bem como a percepção de comportamentos de homens e de mulheres na sociedade, como aparecem representados em livros didáticos, etc. Alguns autores com recentes pesquisas têm muito a contribuir com nossas reflexões sobre gênero, como é o caso de Moita Lopes (2002), de Louro (2004), de Meyer (2004), de Auad (2003, 2006), de Ostermann e Fontana (2010), de Ferreira e Ferreira (2011), entre outros. A percepção dessas diferenças culmina no reconhecimento da construção ou da manutenção da identidade social de gênero.

## 7. PERCEPÇÕES DE ALUNOS E ALUNAS SOBRE IGUALDADE E DIFERENÇA DE GÊNERO

Nesta pesquisa<sup>5</sup> foi difícil para os alunos e alunas entrevistados perceberem as diferenças entre os gêneros como historicamente construídas. Eles tendem para a homogeneização, enxergando as diferenças como naturais e inatas. Para melhor especificar citamos a fala do aluno Jeferson, da Escola Amarela, quando questionado a respeito da percepção das diferenças entre os gêneros ele nos diz que “aparece bem dizer tudo igual” (14/6/2010), quando se refere às representações masculinas e femininas no seu material.

Coimbra (2003), em sua pesquisa sobre gêneros realizada em sua própria sala de aula, na qual atuava como professora de Inglês, pontua que as identidades de gênero não são inatas, mas construídas. Ela sustenta-se em autores como Moita Lopes (1996), Crawford (1995), Bakhurst e Sypnowich (1995), para esclarecer que essas identidades existem por meio dos contextos sociais e não são simplesmente moldadas por eles. Ela coloca ainda que, “[...] por serem tratados de forma diferenciada nas interações sociais do cotidiano, tanto homens quanto mulheres, agirão de forma diferente” (COIMBRA, 2003, p. 211). Seguem dois excertos da aluna Patrícia para nos mostrar como estas identidades sociais de gênero são representadas pela visão dos alunos.

---

<sup>5</sup> A presente pesquisa foi aprovada e acompanhada até sua conclusão pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) através da Resolução 196/1996, do Conselho Nacional de Saúde. Como os dados coletados iriam ser objeto de publicação, optamos pela adoção de pseudônimos para assegurar que o local da pesquisa bem como seus participantes não fossem identificados.

*“A mulher agora tá conquistando o seu lugar, né. Antigamente não era, né. Ela não podia trabalhar. Tinha preconceito em tudo, agora elas tão conseguindo conquistar tudo.”* (aluna Patrícia, entrevista, Escola Azul, 17/6/2010).

*“Ah, tem uma amiga minha, que só por causa que um dia ela tava brincando com um piá lá, daí ela falou: Nossa, um dia lá em casa eu pulei o muro pra poder pegar a bola no lote do vizinho, daí o outro piá olhou pra cara dela e disse: Nossa, sua perereca fica saltando o muro dos outros agora, né. Ela não gostou, daí foi bem desagradável é para uma menina escutar isso. Porque piá sempre quer se achar mais do que menina.”* (aluna Patrícia, entrevista, Escola Azul, 17/6/2010).

A maioria das falas segue a linha de raciocínio de Patrícia, em que parece estar presente a questão da igualdade entre homens e mulheres, não conseguindo reconhecer as diferenças nem os valores intrínsecos à representação masculina e feminina. Mesmo dizendo não perceberem diferença, no excerto abaixo percebe-se a estereotipia do jogo de futebol como esporte predominantemente masculino. Ou seja, talvez falte apenas uma reflexão crítica sobre o assunto, uma reflexão que lhes permita focar nas diferenças, formando opiniões próprias sobre as mesmas diferenças, desconstruindo esse tipo de estereótipo e entendendo que o gênero é muito mais do que o sexo, que define biologicamente como homem ou mulher, ou um valor culturalmente instituído, como a noção de que mulher não joga futebol. Apesar das perguntas serem direcionadas para os materiais de ensino destes alunos, as reflexões são levadas para os contextos que estes vivem, como o exemplo do jogo de futebol. Segundo os alunos estas reflexões não são trazidas para os materiais de ensino. Um trabalho com o letramento crítico em sala de aula pode auxiliar estes alunos na compreensão destes valores, crenças e construções sociais.

*“Nesse colégio não tem muito, né, mas no outro colégio, você ia jogar bola e os caras ficavam tirando sarro, né, porque menina estar jogando bola [...] futsal não gostam que menina jogue, que é coisa de piá, mas sempre tiram sarro uma coisa ou outra”* .(aluno Luiz Carlos, entrevista, Escola Azul, 22/6/2010).

Luiz Carlos coloca o que é que se espera dos papéis de homens e de mulheres na sociedade, um conceito naturalizado, de representações já demarcadas sócio-historicamente, pelo binômio feminino X masculino. Ao mesmo tempo em que ele comenta sobre a outra escola em que havia estudado, ele não consegue perceber se ocorre algo semelhante na sua escola atual. Ele acredita que as coisas são como se apresentam e não questiona nenhum tipo de atitude.

A respeito de relações das identidades de gênero na escola, Jung (2002) realizou uma pesquisa com o objetivo de investigar as construções de identidades sociais em uma comunidade multilíngue. Nessa discussão, ela revela que “[...] a escola, um dos domínios sociais da comunidade e principal agência de letramento, reconhece e reforça interacionalmente a identidade de gênero, como identidade de poder”. Como resultados de sua pesquisa, Jung (2002) traz os conflitos identitários sofridos pelos meninos no ambiente escolar, meninos que já estão rotulados em sala de aula, como os que não fazem a tarefa, estão sempre de mão suja, etc. Já as meninas recebem, em casa e na escola, orientações similares, que as colocam em posicionamento privilegiado diante dos meninos, uma situação dominante para as “melhores da turma”. A língua e a cultura são uma forma de resistência à cultura e à ideologia dominantes, sendo que a escola possui modelo de letramento feminino, no qual as meninas se enquadram nos padrões aceitáveis para a sala de aula.

No caso da pesquisa de Jung (2002), ela fez reflexões sobre a relação de identidades de gênero na escola, bem como acompanhou as práticas de letramento nessa mesma comunidade, o que lhe proporcionou uma visão do modo como as identidades são negociadas dentro da classe por alunos alunas e professores.

Norton (2004, p. 3) não vê o gênero como uma simples dicotomia homem X mulher, mas, sim, como um sistema mais complexo de relações sociais e de práticas discursivas: “[...] o gênero emerge como uma das mais importantes facetas da identidade social que interage com raça, etnicidade, classe, sexualidade, in(competência), idade e status social”. A pesquisadora considera as relações de gênero como intrínsecas ao contexto social, cultural e ideológico. Ou seja, o indivíduo reproduz os discursos que assimilou durante sua formação, “[...] o indivíduo não fala e não pensa o que quer, mas o que a realidade impõe que ele pense e fale” (FIORIN, 2001, p. 43).

É importante que saibamos como o gênero está articulado em diferentes instituições, como a escola, que é dotada de cultura própria e relaciona-se com a sociedade em geral. Também questionar como esse assunto é trabalhado para que ele não se reduza apenas ao sexo dos sujeitos, mas, sim, como “processos simbólicos” das práticas sociais.

## 8. A VISÃO DOS ALUNOS E ALUNAS SOBRE GÊNERO E TRABALHO

Nesta pesquisa acreditamos não ficar evidente que a professora trabalhe com essas questões em sala de aula, pois os alunos e alunas tinham dificuldade para perceber se existem formas de tratamento diferenciadas por parte de colegas ou por parte dos professores, como mostra o excerto a seguir:

*“Ah, eu acho que, antigamente, era mais assim, agora acho que não tem isso, se um homem quer ficar em casa não tem nada a ver, se uma mulher quiser ir trabalhar não tem nada a ver.”* (aluna Laura, entrevista, Escola Amarela, 7/6/2010).

O excerto de Laura reafirma a posição de que, na atualidade, os gêneros estão sendo tomados como equiparados e que tantas conquistas da mulher acabaram por acarretar mais tarefas no seu cotidiano, mas, nas escolas pesquisadas, o que salta aos olhos é a “natural” igualdade entre homens e mulheres. As questões de gênero são construções sociais instituídas por meio das relações de poder dentro de cada contexto social. Para Auad:

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente construídas percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, constituídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre feminino e o masculino foram se engendrando socialmente (AUAD, 2006, p. 19).

A maneira natural de pensar a questão dos gêneros vem sendo construída e reforçada ao longo do tempo. Auad (2003, p. 6) utiliza as reflexões de Kergoat (1996, p. 21) e coloca que o “[...] corpo e o sexo como dado biológico poderiam ser chamados de base material das hierarquias entre os sexos”. O alcance de uma igualdade, portanto, no modo como meninos e meninas são tratados, estaria em transpor as barreiras dos dados estritamente corporais, quebrando visões naturalistas da sociedade, que representa “[...] uma trava para a superação da classe operária e para a superação da divisão do trabalho” (AUAD, 2003, p. 6).

## 9. A MANEIRA COMO OS ALUNOS E ALUNAS PERCEBEM AS RELAÇÕES DE GÊNERO EM SEUS MATERIAIS DIDÁTICOS

Os alunos e alunas não percebiam diferenças no tratamento entre meninos e meninas no seu material didático, mas talvez esse assunto não seja abordado de maneira satisfatória

pelos materiais de ensino pelo motivo de as pesquisas na área sobre educação e gêneros serem escassas no Brasil. Isso, provavelmente, agrava a dificuldade em trabalhar questões em relação aos gêneros nos materiais didáticos utilizados pelos alunos/as nas aulas de Língua Inglesa, que é o foco desta pesquisa, bem como em todas as aulas.

A escassez de políticas públicas educacionais que contemplem as desigualdades de gênero se relaciona com a pouca quantidade de bibliografia sobre o tema no Brasil. Em comparação ao volume de bibliografia encontrado em países de língua francesa e em países latino-americanos, em nosso país a carência ainda é expressiva. Assim, nas buscas bibliográficas, são encontrados poucos textos nacionais com marcante preocupação em preencher tal lacuna (AUAD, 2006, p. 69).

O preenchimento desta “lacuna” como pontua Auad (2006), (ou podemos dizer a tentativa de preenchimento) é de primordial importância para que o aluno seja capaz de identificar as relações de gênero existentes em seu material de estudo e também consiga fazer relação com a sua realidade, identificando-se com o que vê. A falta de discernimento a respeito da desigualdade entre os gêneros salta aos olhos através de alguns excertos colocados abaixo.

*“Ah, tem vezes que a mulher aparece como empresária, faxineira, essas coisas assim. Não tem muita diferença assim, porque tem homem que também trabalha de faxineiro nas ruas, empregado também, acho que não tem nada de diferente, não”*<sup>6</sup> (aluno Antônio, entrevista, Escola Azul, 17/6/2010).

*“Aparecem meninos e meninas no nosso material, só que aqui na escola a professora não fala se tem alguma diferença. Em casa também ninguém explica nada sobre diferença entre meninos e meninas”* (aluno Romeu, nota de diário de campo, 17/6/2010).

*“Aparece bem dizer igual.”* (aluno Jeferson, entrevista, Escola Amarela, 14/6/2010).

A maioria das falas segue a linha de que parece estar presente a questão da igualdade entre homens e mulheres, não conseguindo reconhecer as diferenças nem os valores intrínsecos à representação masculina e feminina. Mesmo dizendo não perceberem diferença, no excerto abaixo percebe-se a estereotipia do jogo de futebol como esporte predominantemente masculino. Ou seja, talvez falte apenas uma reflexão crítica sobre o

---

<sup>6</sup> As aspas aparecem nos excertos apenas para diferenciá-los das citações, e os excertos vem recuados para que se diferenciem também do corpo do texto.

assunto, uma reflexão que lhes permita focar nas diferenças, formando opiniões próprias sobre as mesmas, desconstruindo esse tipo de estereótipo e entendendo que o gênero é muito mais do que o sexo, que define biologicamente como homem ou mulher, ou um valor culturalmente instituído, como a noção de que mulher não joga futebol.

Auad (2003, p. 1) realizou uma pesquisa etnográfica com séries iniciais sobre as relações de gênero nas escolas públicas. Seu objetivo era saber “[...] como é possível, a partir de pesquisas, enfrentar (e vencer) o desafio colocado pelo sistema educacional no que se refere ao fomento das desigualdades de gênero”. A pesquisadora reflete sobre a falta de pesquisa bibliográfica sobre o assunto, e um ensino fechado em questões cristalizadas no que tange às relações de gênero. Trata-se de uma tradição que tem dificuldade de refletir sobre raça/etnia, gênero, entre outras questões, e tende a “[...] desconsiderar tudo aquilo que extrapola as relações de classe, de dominação e exploração sócio-econômica” (AUAD, 2003, ap. 1). Auad (2003) então, considera que a escola aparece, nesse quadro, como produtora e reprodutora de desigualdades, à medida que não considera ou à medida que não é capaz de trabalhar com essas questões de maneira reflexiva.

Auad (2003) conclui, em sua pesquisa, que: a) uma utilização de diferenças de comportamento entre meninos e meninas como essenciais, b) menor tolerância de indisciplina relacionada às meninas, c) maior atenção da professora para os meninos, d) tendência dos meninos para a dominação dos espaços, e) ocupação diferenciada dos pátios por meninos e meninas é denominada como “aprendizado de separação”. Assim, portanto, embora as escolas no Brasil sejam mistas, elas não contribuem para uma prática de igualdade, e as políticas públicas continuam necessárias para intervir e auxiliar nessa questão, para possibilitar a transformação da realidade escolar de meninos e meninas. Essa transformação pode ser oportunizada por uma prática pedagógica mais reflexiva nas interações professor-aluno, começando por seu material didático, que dará suporte ao discurso em sala.

[...] a reflexão sobre imagens de mulheres, meninas, meninos e homens veiculadas nos livros didáticos pode contribuir para uma educação igualitária. Há de se fazer uma análise dos livros já em circulação. Além disso, é importante criar obras com uma divisão igualitária das personagens masculinas e femininas. Nessas obras seriam expressos e retratados nas imagens os diferentes papéis exercidos por meninos, mulheres, meninas e homens, na família, na escola, na vida profissional e política (AUAD, 2006, p. 84).

Segundo Moita Lopes (2002), as identidades sociais de gênero não têm tido uma abordagem significativa na literatura, por exemplo. Elas são apenas apresentadas como aspectos da identidade social (de gênero, de sexualidade). Dá-se um tratamento homogeneizado aos alunos e alunas. Partindo desta reflexão de Moita Lopes, fazemos relação com os discursos dos mesmos sobre gênero no seu material didático (a mesma reflexão pode ser atribuída à raça/etnia). O modo como os alunos e alunas entrevistados colocam a não percepção das diferenças de gênero, quando dizem que as noções de gênero aparecem de forma igual, demonstram a idealização que existe, naturalizando as situações e não refletindo sobre as diferenças.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão do gênero em sala de aula não é percebida pelos alunos e alunas entrevistados, pois a supremacia masculina parece estar naturalizada em seus imaginários do que é ser homem e ser mulher, tanto no contexto escolar como em outros contextos. E, por meio do discurso de igualdade de homens e mulheres na sociedade, a questão tende a se naturalizar ainda mais e se tornar quase imperceptível diante dos alunos/as. Para tentar mudar essa realidade nas escolas acreditamos que a criticidade pode auxiliar de maneira efetiva e satisfatória as reflexões sobre gênero em sala de aula, bem como a otimização do material com discussões que contemplem a diferença entre os gêneros, discutindo os valores que são instituídos socialmente e culturalmente. É importante também, que professores e alunos/as compreendam que essas reflexões não se restringem ao contexto escolar, mas extrapolam os limites escolares, perpassando por todas as instâncias sociais.

E a melhor (podemos dizer em termos sociais) “recompensa” em se trabalhar reflexivamente com os alunos/as é o fato de que eles podem ir da passividade à reflexão, do silêncio ao empoderamento, o que os ajudará a se posicionar melhor em qualquer contexto social. Segundo Norton (2004, p. 11), “[...] o empoderamento na sala de aula acontece através de um processo de troca de informações, negociação e revertendo a posição assimétrica tradicional de prática pedagógica, bem como este processo pode ocorrer fora da sala de aula, em outros contextos” e “[...] são as ações e interações observáveis que realizam o trabalho de produzir, reproduzir e resistir à organização de poder na sociedade e nos discursos sociais sobre gênero, idade, raça, etc.” (EKERT, MCCONNEL-GINET, 2010, p. 105). Para que seja

possível empoderar os alunos/as é importante um ensino reflexivo baseado na abordagem crítica como norteadora, pois a aplicação do LC em sala de aula pode fazer com que os sujeitos sejam capazes de refletir e formar suas próprias opiniões sobre discursos existentes em sala. Segundo Ferreira (2006, p. 35), “[...] o ensino crítico relaciona-se com a forma como se ensina em sala de aula, seus objetivos, seu papel na sociedade e a habilidade de agir reflexivamente”.

## 11. REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. Educação para a democracia e co-educação: apontamentos a partir da categoria gênero. *Revista USP*, São Paulo, n. 56, p. 136-143, dez./fev. 2002-2003.

---. Relações de gênero na sala de aula: atividades de fronteira e jogos de separação nas práticas escolares. *Pro-Posições*, v. 17, n. 3 (51) – set./dez. 2006.

---. Relações de gênero nas práticas escolares e a construção de um projeto de co-educação. In: Reunião Anual da ANPEd, Associação de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação; 2004, Caxambu. *Anais da 27ª Reunião Anual da ANPEd*, 2003.

---. A co-educação como política pública: a manutenção da escola mista com o advento da igualdade de gênero. *Caderno Espaço Feminino*, v. 16, n. 19, jul./dez. 2006.

BLOCK, David. *Second language identities*. Continuum, 2007. 230 p.

COIMBRA, Alda Maria. Histórias contadas em sala de aula: a construção da identidade social da mulher. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da (Org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família* Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

ECKERT, Penelope; MCCONNELL-GINET, Sally. Comunidades de práticas: lugar onde co-habitam linguagem, gênero e poder. In: LAKOFF, Robin [et al]. *Linguagem, gênero, sexualidade: clássicos traduzidos*. Organização e tradução de Ana Cristina Ostermann, Beatriz Fontana. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

FELIPE, Cláudia Natividade. *Masculinidade(s) em foco: construções discursivas sobre identidade de gênero social*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFMG, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. *Formação de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino*. Cascavel, PR: Coluna do Saber, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus; FERREIRA, Susana Aparecida. Raça/etnia, gênero e suas implicações na construção das identidades sociais em sala de aula de línguas. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v.3, n.2, p.114-129. ago/dez, 2011.

---

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 2001.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.

GOMES, Nilma Lino. Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte, MG: UFMG, 1996. p. 25-35.

---. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: ---. *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003*. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

---. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNG, Neiva Maria. A relação entre identidades de gênero, identidade étnico-linguística e as práticas de letramento em uma comunidade multilíngue no Brasil. *Actas Proceedings II Simpósio Internacional de Bilinguismo*. 2002.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pró-Posições**, v. 19, n. 2 (56). maio/ago. 2008.

MATA, Anderson Nunes da. *O silêncio das crianças: representação da infância na narrativa brasileira contemporânea*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade de Brasília - UNB, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

---. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, identidade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

NORTON, B.; PAVLENKO, A. *Gender and English language learners: challenges and possibilities*. In: NORTON, B.; PAVLENKO, A. (Eds.). *Gender and English language learners* (pp. 1-12). Alexandria, VA: TESOL Publications, 2004.

NOGUEIRA, Juliana Keller; FELIPE, Delton Aparecido; TERUYA, Tereza Kazuko. Conceitos de gênero, etnia e raça, reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar. *Anais... Seminário Internacional Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis, de 25 a 28 de agosto, 2008.

OLIVEIRA, Elânia de. Práticas de leitura em aulas de português e o tratamento das questões raciais e de gênero. 17 COLE. *Anais.. Congresso de Leitura do Brasil*. 20 a 24 de julho, Unicamp - Campinas, SP. 2009.

---

SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático: o que mudou. 25ª Reunião Anual da ANPED, 2002, *Anais...* Caxambu. 2002. v. 1. p. 1-123.

SILVA, E. M. Reflexões acerca do letramento: origem, contexto histórico e características. *Revista Plurais* (Anápolis), Anápolis - GO, v. 1, n. 1, p. 257-266, 2004.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade & diferença*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

---